

Handwritten mark or signature at the top of the page.

AV. NILO PEGANHA, 31 - SALA 922 - CENTRO - RIO DE JANEIRO - CEP: 20.020-100
FONE: (21) 3971-9327 - FAX: (21) 3971-9084
E-MAIL: SECPRROC.SERGIOSUJAMA@PRRJ.MPE.GOV.BR

Aos 27 dias do mês de janeiro de 2014, compareceu espontaneamente a esta Procuradoria da República a Senhora Dulce Chaves Pandolfi, brasileira, portadora do RG n.º 576-564/SSP-PE, domiciliada na Avenida Atlântica, nº 792, apartamento 701, Leme, e telefones 21-99124-3214, 21-2205-8431, a qual após ser advertido do seu dever de falar a verdade, sob pena de responder pelo crime de falso testemunho, e prestou o seguinte depoimento: a declarante era integrante da organização ALN e foi presa em agosto de 1970. Foi diretamente levada ao DOI-CODI no quartel do Exército na Rua Barão de Mesquita e lá permaneceu até o mês de novembro ou dezembro do mesmo ano. Depois foi transferida para o Dops, onde ficou mais ou menos um mês e depois ao presídio de Bangu Talavera Bruce, onde ficou aproximadamente seis meses. No meio do ano de 71 foi transferida para Recife, onde ficou mais seis meses e saiu no dia 14/12/1971. Chegou a ser processada, mas foi absolvida. Confirma integralmente depoimento constante nos autos que prestou à Comissão Estadual da Verdade, em maio de 2013. No DOI-CODI ficou em uma cela coletiva no andar de cima com outras mulheres, dentre as quais Margarida Solero, Maria do Carmo Menezes e Cecília Coimbra. No DOI-CODI, foi submetida à selvagem tortura durante todo período que lá esteve, mas especialmente durante as primeiras horas/dias. No início, os interrogadores queriam saber informações sobre pontos marcados e aparelhos da organização. Depois desse período inicial, as torturas eram mais esporádicas e menos intensas. Houve um dia também, quase dois meses depois, em que a depoente foi usada em uma aula de tortura, na qual estavam presentes algumas dezenas de agentes. Não sabe dizer o nome do responsável por tal "aula", mas esta pessoa lhe disse que ela seria usada para tal fim. Esta aula ocorreu na sala de interrogatórios, onde a declarante foi colocada no pau de arara e submetida a eletrochoques. Inclui nessa ocasião o "instrutor" comentou que a técnica era muito eficiente para obter confissões dos interrogados. A aula prosseguiu no pátio do batalhão, onde a declarante foi amarrada em um poste. Nessa ocasião, os agentes simulavam atirar contra a declarante. Dos agentes que passaram pelo DOI-CODI a Lima e João Câmara Gomes Carneiro. Reconheceu Riscala, através de fotografia, durante o governo de Leonel Brizola, pois tal agente havia sido indicado para um cargo

TERMO DE DECLARAÇÕES

**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



no Banerj, fato que provocou a oposição de movimentos de combate à tortura. Riscala a torturou muito e chegou inclusive a pular em suas costas e muito descontraído dizia sessões de interrogatório, batendo muito nas suas costas e muito descontraído que as equipes de interrogatórios eram formadas por duas a quatro pessoas, com um responsável. Eles se alternavam durante as sessões. Em uma outra ocasião, chegaram a injetar um "soro da verdade" na veia da declarante. Nesse momento um outro torturador à paisana veio conversar com a declarante fazendo o papel de bom policial. Também no batalhão havia o médico Amílcar Lobo com quem a declarante tinha bastante contato por conta do estado de saúde decorrente das torturas. A declarante registra que ficou sem andar e tomando soro em razão da violência. Havia um cabo de nome Gil que era um dos responsáveis por conduzir os presos até os interrogatórios. Também no início da sua prisão, durante uma das sessões de tortura, um dos interrogadores colocou um filhote de jacaré sobre o corpo da declarante com intuito de aterrorizá-la. No período que esteve presa, a declarante foi submetida à acareação com o preso político Eduardo Leite, conhecido como Bacuri, a quem não conhecia. Naquela ocasião, Bacuri estava já em um estado de saúde muito fragilizado em função das torturas. Os torturadores disseram: "está vendo o que o CENIMAR fez com esse filho da puta. Quase o mataram e não conseguiram arrancar nada dele". A declarante, em outra ocasião, foi acareada com Nelson Lott. A declarante acredita que a equipe responsável por sua prisão também era do DOI-CODI mas não era a mesma que a interrogou. Examinando algumas fotografias que lhe foram mostradas, a declarante reconheceu as imagens de Luís Timóteo de Lima e Francisco Demirurgo. Também acha que reconheceu o tenente Antonio Fernando Hughes como um de seus torturadores.

Encerrado.

Eu, Viviane Magno, Assessora, digitei o presente termo.

Dulce Chaves Pandolfi
Dépönte

Sergio Gardenghi Sulama
Procurador da República